

## **O açougueiro**

The butcher

Luciana Knijnik; Tania Mara Galli Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

### **RESUMO:**

Este texto é um biografema – biografia inventada e fragmentária –, sem compromisso com dados e fatos comprováveis pelos grandes arquivos. É inspirado na vida de Ângelo, apenado do Presídio Central de Porto Alegre, que escreve cartas a amigos e familiares. “O açougueiro” cria uma insólita realidade em que a escrita é performatizada como ato de testemunhar, dando luz a um passado que não está nos arquivos, mas no ato de retirar de sua poeira esquecida o que insiste.

**Palavras-chave:** biografema; prisão; cartas.

---

### **ABSTRACT:**

This text is a biographeme—fabricated and fragmentary biography—unencumbered by facts or data corroborated in archives of high regard. It’s inspired in Angelo’s life, imprisoned at Presídio Central of Porto Alegre, who writes letters for friends and relatives. “The butcher” create an unconventional reality where the writing is turned performance. This is as an act of testimony which brings to light a perduring past which arises not in the archives but in the removal of the dust overlying the forgotten bygone.

**Key-words:** biographeme; prison; letters.

---

STQQSSD

DATA / /

Sei que não é hoje o dia, até mesmo  
 por que na realidade é controverso te  
 felicitar apenas um dia, pois há quase  
 dez anos é maravilhoso te parabenizar  
 apenas um dia, ainda mais meses dias  
 que tem sido tão vital a sua presença em  
 nossa vida, sei que tem se desdobrado para  
 criar nossos filhos!

Muito obrigada por ser a mãe e mais  
 que isso, a mulher da minha vida.

Feliz dia das Mães Mãe, te amo!  
 //

Faz um mês que não te vejo e nunca  
 doeu tanto ficar sem ver o teu rostinho  
 lindo. O ruim é não poder ouvir  
 a tua voz e ficar sem saber se  
 tu vai vir ou não, mas saiba que  
 mesmo sem te ver ou ouvir a tua  
 voz, mesmo sem saber se vai vir ou  
 não e se não vir, sentindo toda a dor  
 que sinto e que sei de sentir se isto  
 acontecer, eu sei que vou te amar

Jandaia

Figura 01 - Carta de Ângelo escrita no Presídio Central de Porto Alegre

O conceito de biografema, cunhado por Roland Barthes, é um dos operadores da escritura que segue. Interferindo nos modos vigentes de biografar, o autor engendra registros fragmentários de sujeito, contrapondo a pretensão de totalidade comum às biografias correntes.

Biógrafos pretendem contar a história de uma vida. Buscam documentos, dados, fatos concretos. Entrevistam preenchendo lacunas. O biógrafo de carteirinha acredita que seu texto retratará o personagem em questão.

O biografema, por sua vez, inventa uma vida possível. Recolhe cacos e restos. A ele interessam os pequeninos acontecimentos, uma rachadura qualquer, os detalhes de um cotidiano que passam facilmente despercebidos, não os grandes feitos.

A escrita que não está orientada pela bússola da verdade é necessariamente aberta à invenção. Não há preocupação exclusiva em registrar fatos, preencher lacunas, respaldar-se em constatações. A imaginação opera dando corpo aos fragmentos, juntando percepções e afecções, registros, dados, devires.

Biografia inventada e fragmentária – sem compromisso com dados e fatos comprováveis pelos grandes arquivos, é inspirado na vida de Ângelo. Apenado do Presídio Central de Porto Alegre, que escreve cartas a amigos e familiares. Compõe a tese *Caligrafias da prisão: a palavra que resta, se resta, ao homem confinado na noite sem fim*. Cria uma insólita realidade em que a escrita é performatizada como ato de testemunhar, dando luz a um passado que não está nos arquivos, mas no ato de retirar de sua poeira esquecida o que insiste.

### **O açougueiro**

Escolheu sua melhor roupa. Não que a decisão tenha sido difícil. O tempo transcorreu em pensamentos pequenos, mas esparsos. Dispôs as peças em cima da cama para ficarem arejadas. Também assim poderia avaliá-las com mais lonjura e apreço.

O traje da entrada agora lhe seria inútil. É provável que nem caiba mais. Sabia que seu corpo de outrora ficara do lado de fora. Não precisava mais de cinto para ajustar as calças à cintura. A camisa folgou, esvaziada de músculos imponentes para preencher seus vincos.

Abrirá mão da conveniência das mangas longas, adequadas ao sopro gelado do minuano. Cruzará o portão ostentando os braços finos e a pele enrugada. Os pelos

crecem sem vigor desnudando a terra carne. Justiça seja feita, a pele estava um tanto macia. Havia sido poupado dos castigos do sol.

Não economizava em períodos de observação de seus pormenores. Conhecia cada detalhe que estivesse ao alcance dos olhos. Ocupava assim seu tempo, olhando. Examinava cada pedacinho de seu corpo. As mãos, braços, pernas, barriga. Acompanhava o crescimento irregular das unhas. O rosto era o confim da terra fora do alcance do olhar. Mas sua situação não tardaria a mudar. Dali por diante enfrentaria a própria imagem refletida em um mundo cheio de espelhos e faces alheias. Fato que lhe produzia farta indiferença.

Acha graça das dificuldades passadas. Quantas habilidades adquiridas. Nem que lhe oferecessem o mais fiel dos espelhos faria a barba de outro modo. O contato das mãos lhe é suficiente para saber quando é chegada hora de aparar os excessos. Mede o comprimento dos pelos deslizando as mãos. Corta a exatos dois dedos do queixo. Conserva o bigode rente aos lábios. Esteve alheio ao nuançar das cores da terra. As flores desabrochadas na primavera murchando lentamente. O verdejar espalhafatoso das folhas sombreando os calorões de verão. E o amarelar do outono pressagiando a fria nudez dos galhos.

Do dia para noite a barba ganhou ares de luar. Era possível verificar tal fato nos amontoados que se formavam após a poda da quinzena. A tesoura já está cega, mas quem se importa?

O habitat está sob sua tutela. Desvendou suas intimidades por completo. Se fosse privado da visão, dispensaria tanto a bengala como o cão guia. Nem sequer a mão aceitaria a oferta de repousar sob o ombro de algum vidente. Andaria, como sempre, com as mãos livres. Não teria qualquer dificuldade em se deslocar. Como distinguiria a rua do pátio? Assim como sempre soube que seus pés não são suas mãos. Sempre talvez seja demasiado. Os bebês se distraem um bocado com as mãos e pés. Levam aos olhos, ao nariz, à bochecha, até alcançarem a boca. Esticam e puxam com a dedicação e afinco de quem constrói a própria casa. Quem pode afirmar que aquelas criaturinhas mudas dominam ou desconhecem cada parte de seu corpo enquanto existem sem tempo ou intenção?

Colocado no mundo também foi. Mas faltam provas. Não resta ninguém para contar essa história. Haveria alguma testemunha? Se estivesse frente a um problema corriqueiro como o de indisponibilidade, tudo seria bem compreensível. No arrolar das testemunhas, uma despista com a desculpa de que está por demais ocupada, outra que já

está demasiado envolvida com a justiça, umas tantas alegam carecer de memória para dispor. Mas o caso tornara-se mais complexo. Não havia testemunhas.

Testemunhas são perecíveis. Suscetíveis ao tempo e a distância. Documentos não. A materialidade está garantida. Mas nem isso. Os hospitais registram os nascimentos, mas sempre há exceção. Para lá dos seus cafundós não deveria haver hospital e parteira só armazena mesmo arquivo vivo. As creches e escolas são mais chegadas a alimentarem arquivo morto, mas deve ter passado longe delas.

A contestável materialidade dos fatos é o próprio corpo em ruínas. Nada mais a alegar.

Está prestes a desempenhar uma cena clássica e memorável amplamente retratada na cinematografia mundial. Assistiu inúmeras, todas levemente uniformizadas. Um homem sai só. Quando muito, um homem sai e encontra alguém a lhe esperar do outro lado do portão. Que falta de criatividade. É só isso que lhe aguarda? Nada mais pode acontecer? Conhecer o amor da vida? Ter um ataque cardíaco? Declarada a próxima guerra?

Será o protagonista da própria vida. Cruzar o portão talvez não seja nada de grandioso mesmo. Apenas mais um ato realizado cotidianamente. Apenas mais um ato realizado na sequência dos milhares que o antecederam. Passado o primeiro momento virá a decepção com a constatação de que tudo permanece igual? Apenas mais um 01 de janeiro, encarregado de mudanças e renovações que não se realizam.

Não é o pé o primeiro a ser colocado de fora e sim o nariz. Um nariz bem acostumado aos cheiros de um lugar que não pode ser chamado morada. Onde se come e dorme, toma banho e caga - mais raramente trepa-, mas que dista léguas de uma casa.

O lado de cá embrulha o estômago de quem vem de fora. Bastam alguns segundos para que o cheiro invada as narinas. Enquanto o cérebro tenta entender o que se passa, o nariz se contorce e os olhos varrem o ambiente. Tudo acontece de maneira involuntária e tão rápida que ninguém percebe. O estranhamento não cessa. O cérebro é obrigado a aceitar o inclassificável. A voz muda ligeiramente com a respiração trancada. Para então, estarem todos finalmente acostumados.

É possível que torça o nariz ao cruzar o portão. Que os sentidos se desorientem, como um animal fora de seu habitat natural. Diante de tanto desconhecido o passo será lento ou apressado? Espreitará cada ruído. Perceberá a vigilância por todos os lados. Os pelos ficarão eriçados. Ou não, ou não.

Findam-se as prorrogações. Hora de tomar o último banho e vestir-se.

Não houve qualquer honraria. Sem bandeiras, hinos ou perfilações. Apenas fez o que tinha para ser feito. Sem despedidas cruzou o portão como se estivesse saindo de um daqueles hotéis baratos destinados ao abrigo dos andarilhos sem pertences.

Estava do lado de fora. Estaria profundamente relaxado se a pele ardesse de calor. Não contava com aquela ventania. Era jogado de um lado a outro. A luminosidade cegava seus olhos. Não comandava mais seus passos. Tentou contrariar a força do vento e manter o trajeto programado, mas era impossível resistir. Estava sendo levado em alguma direção, ou quem sabe, rodando em círculos. Os círculos cresciam pelo interior abraçando amplitudes até reduzirem ao mínimo e tornarem a crescer. O olho do furacão. Um tronco pesando em raízes apodrecidas. Uma folha de outono ressecada deixando à mostra as veias sulcadas.

O esgoto desemboca na certeza das águas paradas. Estava encharcado. Torce a roupa no corpo inutilmente. Não estava mais em condições apresentáveis. Precisarão ganhar tempo para ficar seco e pensar em alguma forma de despistar aquele cheiro.

O banho fora desperdiçado. Mas o arrepio da pele ao dar o passo derradeiro sob a água gelada conserva-se intacto. Estava sempre a um passo. O frio engolido pelas entranhas não cessava. Gélido e roxo. O coração ainda batia? Ah! o verão quando os banhos eram disputados na ponta da faca. Frescor vendido a preço de ouro. O inverno vira o jogo e quem pode esquivar-se dele, o faz. O tempo transcorria a perder a conta. Poderia ficar meses sem banho.

Ângelo poderia ter se furtado do último banho frio. Não temia mais o adoecimento mortal, a pneumonia, as gripes, a tuberculose. Dali para frente estaria imune às intempéries dos condenados. Mas não era por essa confiança no futuro que decidira pelo último banho.

Sensato seria optar pelo banho lá fora. Pior não poderia ser. Haveria paredes enganando o frio. Poderia fechar os olhos. Talvez cantasse. Quiçá seria surpreendido pelas lágrimas brotando misturadas à água clorada.

Contudo, o real motivo para tomar aquele banho sem titubear fora outro. Seus pertences não ocupavam espaço. Eram poucas mudas de roupa, pilhas de cadernos preenchidos, insônia, cicatrizes, confissões, cartas rascunhadas. Tudo que tivesse serventia aos companheiros permaneceria: panelas, amizade, sobras de arroz, pasta de dente e folhas em branco. Entretanto, daquele frio não abriria mão. Essa era a motivação implícita naquele ato insensato. Precisava levar, em sua parca bagagem, aquele frio do

portão para fora. As coisas que não têm utilidade são as que importam. Essas coisas, evidentemente, não as disse a ninguém.

Não precisava se explicar para os demais. A cordialidade do banho era mais do que esperada. Até então a sujeira e o mau cheiro eram o melhor repelente. Prezava tanto por um pouco da inexistente distância. Todavia, futuramente as aproximações serão inevitáveis. O abraço terno dos filhos, o beijo cálido da companheira, o olhar complacente da mãe. Achou melhor estar prevenido e escovar os dentes.

Toda preparação resultara inútil. Cheirou os pulsos e a camisa ainda empapada. Depois de tudo, nem vestígio do perfume barato. Por sorte o dinheiro da passagem veio em moedas. O papel onde anotaram o endereço ficou ilegível, mas – como dizem – é preciso confiar na memória. O ônibus não demorara a aparecer no ponto.

Embarcou como se fosse mais um passageiro. Aparentemente ninguém notou sua presença. Talvez por estar em meio a mais três ou quatro estudantes que subiram junto. Aguarda sua vez de passar na roleta. O cobrador não levanta os olhos do jornal enquanto a molecada vestindo uniforme encosta um cartão em uma máquina. Apita e passam, apita e passam. Ângelo deposita as moedas em cima da mesa tentando demonstrar naturalidade. Olha para o chão, põe as mãos para traz, diz nome completo, número e galeria. Cora ao perceber o vexame. Prefere não encarar a expressão dos estranhos rindo à sua volta. Certamente estão rindo. Senta-se no primeiro banco desocupado.

O trajeto transcorre com surpreendente normalidade. Se ali não estivesse, nada mudaria. Apenas mais um banco vago. Em moedas, R\$ 3,40 a menos no caixa. Ninguém desceria no ponto final em frente à padaria. Percebia nos rostos cansados que ninguém esperava que algo de excepcional acontecesse. Quem suspeitaria que, no banco ao lado, viajara o Açougueiro, como se um passageiro qualquer fosse. Queriam apenas chegar depressa em casa, conseguir um emprego, fechar os olhos e dormir.

Tão ocupado estava que perdera a imensidão da janela. Não sabia se prestava atenção nos detalhes ou se ia deixando a visão ser levada na velocidade em que uma casa, rua ou praça era substituída pela outra.

Quantas vezes Elza teria feito aquele trajeto? De barriga, com menino no colo, e apagando febre de menino. Menino que fez até agente penitenciário perder a pose diante da súplica no portão: “deixa o meu pai sair?!”. E uma vez mais do portão Ângelo não pôde passar. Foram embora os meninos e ele ficou. Foi-se Elza, sem reclamar das

poucas latas que conseguiria catar no dia seguinte, depois de ter deixado os meninos sem pão na creche.

Os olhos queriam ver a rua, mas os enredos passados mantinham seus confinamentos em interiores. Os olhos queriam ver as mudanças do mundo, mas a teimosia dos anteriores vendava as vistas.

Com seus meninos será diferente. Terão comida na mesa, escola, doutor, agasalho, informática, tênis de marca e bênção do pai antes de dormir. A mãe ajudará na lição e o pai conduzirá a oração no almoço de domingo.

Nada de más companhias, nada de querer o bom e o melhor. Não andarão pelas ruas. A fome durará o tempo do prato ser colocado à mesa. O mundo será pleno da vontade de viver.

Ponto final. Hora de descer e voltar a habitar o mundo do qual fora apartado há 30 anos. E se não fosse o ponto final? Para onde seus pensamentos o levariam se aquele ônibus rodasse por mais 20 ou 30 minutos? E se decidisse não descer? Se resolvesse apenas permanecer até que algo acontecesse?

Ao seu redor, as nuvens se movem pelo céu. Motorista e cobrador ocupados com suas tarefas. Um precisa manter a direção sob controle, enquanto enxuga o suor do rosto com a toalha gasta para então estacionar rente ao cordão da calçada. Outro, pela movimentação constante dos lábios e, sem emitir qualquer som, suspeita-se que conte o dinheiro recebido, para em seguida preencher planilhas miúdas com o auxílio de uns óculos engordurados. Nem notaram que Ângelo permanecia ali sentado. Ninguém requeria explicações. De fato, durante todo aquele trajeto esteve ali incógnito junto à janela.

Esqueceu todas as pessoas que entraram e saíram. Apropriado mesmo seria dizer que todas elas ficaram fora do seu quadro. Não ouviu as nuances do motor, nem a freada abrupta que evitara a colisão com o carro desgovernado que vinha em frente. Não sabia o que restaria de si se todo aquele mundo o envolvesse. Se cada cena captada pela janela tivesse continuidade ao invés de ter sido interrompida pela que veio em seu lugar. Se conteria em si a visão de tudo que até então simplesmente passava ignorado.

Agora poderia escolher. Não é mais um boi na cerca sendo levado de um lado a outro, fazendo cumprir regras e prescrições. Hora da ração, vacina, banho de sol, pastar, dormir em pé.

A escolha é sempre causa de algo. Resultado de uma combinação impossível de ser reconstituída. Permanecer sentado não o definia como passivo. Assim como

levantar-se e descer no ponto final não o tornava alguém ativo. A questão está para além do movimento do corpo.

Possui um corpo e aquele frio nas entranhas inebriando todo seu aglomerado em preparação para o abate. Não pode abdicar do corpo. Desintegrá-lo até o ponto zero. Ao corpo está condenado, é seu único presente. De resto, é o intervalo entre suas memórias e o que virá enquanto corpo houver. Então o corpo não resulta de nada, ele apenas é.

O que acontece tampouco resulta de seu corpo. Não é ele que se movimenta, só o movimento. Seu corpo não quer que algo aconteça, mas quer alguma coisa no que acontece. O que temos agora? A chegada do ônibus ao ponto final.

Luciana Knijnik  
Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de  
Psicologia UFRGS,  
Mestre em Psicologia pela UFF e membro do Círculo Psicanalítico do RS.  
E-mail: [luknijnik@hotmail.com](mailto:luknijnik@hotmail.com))

Tania Mara Galli Fonseca  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de  
Psicologia da UFRGS.  
E-mail: [tfonseca@psico.ufrgs.br](mailto:tfonseca@psico.ufrgs.br)